



## Nurses' role in urgent and emergency mobile pre-hospital care

### Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência

### El papel de las enfermeras en la atención prehospitalaria móvil de urgencia y emergencia

Mariany Cruz Santos<sup>1</sup>, Ana Emilia Alves dos Santos<sup>1</sup>, Dalmo de Moura Costa<sup>1</sup>,  
Fernando José Santana Carregosa<sup>1</sup>, Fabio Luiz Oliveira de Carvalho<sup>1</sup>,  
Allan Andrade Rezende <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário AGES, Paripiranga, Bahia, Brasil.

#### **Autor correspondente:**

Allan Andrade Rezende

E-mail: allan.rezende@ages.edu.br

**Como citar:** Santos, M. C., Santos, A. E. A., Costa, D. M., Carregosa, F. J. S., De Carvalho, F. L. O. & Rezende, A. A. (2022). Nurses' role in urgente and emergency mobile pre-hospital care. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 3(1), e14012. <http://dx.doi.org/00.00000/jrks-3114012>

#### **ABSTRACT**

In the mobile pre-hospital environment such as the SAMU, the nurse has several functions in the areas of care, administration, operation and supervision, and must participate in the review of protocols and provide training for the other professionals in the team. Despite this, changes have been taking place over the years in relation to the performance of nursing, improving legal aspects and increasing the autonomy of nurses. The general objective of the research is to analyze the role of nurses in urgent and emergency mobile pre-hospital care, and as specific objectives to describe the nurse's attributions as a member of the urgent and emergency mobile PHC service team, to point out the difficulties and challenges exist in the nurse's work and discuss the importance of the nurse in the mobile emergency APH. Thus, the present work is an integrative literature review, using the following descriptors: "emergency assistance", "pre-hospital care" and "emergency nursing". The work was prepared between February and May 2022, using studies published between 2012 and 2022. Such works were found in the SCIELO, LILACS and MEDLINE databases. As a result, the nurse must act as an advisor by participating in the review of protocols, in the elaboration and organization of educational content and as a professional of the multidisciplinary team of accidents and disasters. However, the nurse in the PHC has been exposed to unfavorable ergonomics, low salaries, exhausting workload, influencing their physical and mental health. Thus, the role of nurses in the PHC is still fragmented, developing little autonomy, despite being extremely important in the composition of the team, as it promotes assistance, management, education, leadership and humanization. Still, the need for continuing education with realistic theoretical-practical training for SAMU nurses was proved, with an emphasis on mental health for patients in psychiatric crisis.

**Keywords:** Mental health. Outbreak. Humanization. Nursing. Emergency.

## RESUMO

---

No ambiente pré-hospitalar móvel como o SAMU, o enfermeiro detém diversas funções nas áreas de assistência, administração, operação e supervisão, devendo participar da revisão de protocolos e fornecer capacitação para os demais profissionais da equipe. Apesar disso, mudanças vêm ocorrendo ao longo dos anos em relação a atuação da enfermagem, melhorando os aspectos legais e aumentando a autonomia do enfermeiro. A pesquisa tem como objetivo geral analisar a atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência, e como objetivos específicos descrever as atribuições do enfermeiro como integrante da equipe do serviço de APH móvel de urgência e emergência, pontuar as dificuldades e desafios existentes no trabalho do enfermeiro e discutir sobre a importância do enfermeiro no APH móvel de urgência. Dessa forma, o presente trabalho trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com a utilização dos seguintes descritores: “socorro de urgência”, “assistência pré-hospitalar” e “enfermagem em emergência”. O trabalho foi elaborado entre os meses de fevereiro e maio de 2022, utilizando estudos publicados entre os anos de 2012 e 2022. Tais obras foram encontradas nas bases de dados SCIELO, LILACS e MEDLINE. Como resultado, o enfermeiro deve atuar como orientador mediante participação na revisão de protocolos, na elaboração e organização de conteúdos educativos e como profissional da equipe multidisciplinar de acidentes e desastres. Contudo, o enfermeiro no APH vem se expondo a ergonomia desfavoráveis, baixos salários, carga horária exaustiva, influenciando em sua saúde física e mental. Assim, a atuação do enfermeiro no APH ainda é de forma fragmentada desenvolvendo pouca autonomia, apesar de possuir extrema importância na composição da equipe, pois ele promove assistência, gerenciamento, educação, liderança e humanização. Ainda, provou-se a necessidade de educação permanente com capacitações teórico-prático realístico aos enfermeiros do SAMU, com ênfase em saúde mental à pacientes em crise psiquiátrica.

**Palavras chave:** Socorro de urgência. Enfermagem em emergência. Assistência pré-hospitalar.

## RESUMEN

---

En el ambiente prehospitalario móvil como el SAMU, el enfermero tiene varias funciones en las áreas de atención, administración, operación y supervisión, y debe participar en la revisión de protocolos y brindar capacitación a los demás profesionales del equipo. A pesar de ello, a lo largo de los años se han ido produciendo cambios en relación a la actuación de enfermería, mejorando aspectos legales y aumentando la autonomía de las enfermeras. La investigación tiene como objetivo general analizar el papel del enfermero en la atención prehospitalaria móvil de urgencia y emergencia, y como objetivos específicos describir las atribuciones del enfermero como integrante del equipo del servicio móvil de APS de urgencia y emergencia, señalar las dificultades y desafíos existen en el trabajo del enfermero y discutir la importancia del enfermero en la APS móvil de emergencia. Así, el presente trabajo es una revisión integrativa de la literatura, utilizando los siguientes descriptores: “asistencia de emergencia”, “atención prehospitalaria” y “enfermería de emergencia”. El trabajo se elaboró entre febrero y mayo de 2022, utilizando estudios publicados entre 2012 y 2022. Dichos trabajos fueron encontrados en las bases de datos SCIELO, LILACS y MEDLINE. En consecuencia, el enfermero debe actuar como asesor participando en la revisión de protocolos, en la elaboración y organización de contenidos educativos y como profesional del equipo multidisciplinario de accidentes y desastres. Sin embargo, el enfermero en la APS ha estado expuesto a ergonomía desfavorable, bajos salarios, carga de trabajo extenuante, influyendo en su salud física y mental. Así, el papel de los enfermeros en la APS todavía está fragmentado, desarrollando poca autonomía, apesar de ser extremadamente importante en la composición del equipo, ya que

promueve la asistencia, la gestión, la educación, el liderazgo y la humanización. Aún así, se comprobó la necesidad de formación continua con formación teórico-práctica realista para los enfermeros del SAMU, con énfasis en salud mental para pacientes en crisis psiquiátrica.

**Palabras clave:** Ayuda de emergencia. Enfermería de emergencia. Atención prehospitalaria.

## INTRODUÇÃO

Os sistemas de Atendimento Pré-hospitalar (APH) móvel no Brasil se organiza na rede pública e privada. Em relação a rede pública o APH está inserido no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e pelo Corpo de Bombeiro Militar (CBM). Ambos os sistemas possuem o enfermeiro como parte integrante da equipe. Com relação ao SAMU, o enfermeiro está presente no Suporte Avançado de Vida (SAV), na qual a equipe é formada por um profissional médico como chefe da equipe, um enfermeiro e um motorista (Taveira et al., 2021).

Já no CBM, os profissionais enfermeiros são oficiais militares exercendo seu trabalho em veículo de suporte intermediário, definidos como chefes da guarnição, tendo um técnico de enfermagem definido como cabo ou sargento e um motorista sendo cabo ou soldado. No Brasil, o APH teve início em várias cidades com bases nos modelos norte-americano aplicado pelo CBM e francês admitido pelo SAMU (Taveira et al., 2021).

O SAMU tem como objetivo proporcionar e facilitar um atendimento rápido e hábil a vítimas em condição de urgência ou emergência. Nesse sentido, é necessário uma avaliação e abordagem apropriada associada a uma estrutura capaz de sanar as necessidades e minimizar os agravos ocorridos com o cliente. Para tal, os sistemas de atendimento pré-hospitalar, também devem estar organizados para melhor direcionamento da assistência prestada (Ibiapino et al., 2017).

Conforme De Oliveira et al., (2018), além de atender, o serviço do SAMU poderá transportar a vítima para outras unidades de saúde conforme a situação, seja ela de caráter cirúrgico, clínico, psiquiátrica, obstétrica ou traumática. Ademais, situações de Parada Cardiorrespiratória (PCR), convulsões, queimaduras, choques elétricos, quedas, acidentes de trânsito ou outras condições que ofereçam risco de vida iminentes, devem ser atendidas pelo SAMU.

Outro ponto a ser discutido é sobre os conceitos de urgência e emergência, que comumente sofrem confusão e são muitas vezes entendidos como sinônimos. Contudo, a Emergência está relacionada a uma situação crítica ou perigosa com risco iminente de vida se não tiver intervenção imediata. Já a urgência, se refere a um acontecimento que deve ter intervenção com maior rapidez, sem demora, relacionado a um evento agudo, clínico ou cirúrgico, mas que não apresenta risco de vida iminente. Dessa forma, é importante diferenciar tais conceitos, visto que, são bastantes utilizados nos serviços de saúde pré-hospitalares e hospitalares. Portanto, a equipe multiprofissional deve saber diferenciar esses dois termos para melhor caracterizar a prioridade do atendimento prestado, sabendo definir as de maior agravamento (Moura et al., 2018).

Para Moura et al., (2018), as situações de urgência e emergência são as causas de maior incapacidade física, gerando prejuízos previdenciários e econômicos. Nesse sentido, o Ministério da Saúde (MS) criou a Rede de Atenção às Urgências e Emergências (RUE) dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), com objetivo de organizar o atendimento em situações de urgência e emergência nas diferentes unidades de saúde que o compõe, melhorando assim a assistência prestada ao cliente, o serviço de referência e contrarreferência além da definição de fluxos mais adequados. No Brasil as causas externas de violência e acidentes representam a terceira maior causa de morte geral, na qual foram registrados 151.683 casos dessa natureza em 2013, elevando os custos das internações hospitalares no sistema público (Ibiapino et al., 2017).

A enfermagem é direcionada para prestar cuidados integrais com humanidade e deve estar presente em todas as unidades que prestem atendimento à saúde de indivíduos, família e comunidade. No âmbito do APH, a portaria nº 2048 do Ministério da Saúde, de 05 de novembro, o qual regulariza o atendimento pré-hospitalar define a função do enfermeiro na realização da assistência, administração, operação e supervisão da equipe, participando da revisão de protocolos e de capacitações dos demais profissionais da equipe (Silva et al., 2017).

Ainda assim, no Brasil, há déficit na atuação do enfermeiro no APH móvel em relação a outros países. Nos Estados Unidos, o enfermeiro possui maior autonomia e tem papel mais consistente no atendimento, devido ao sistema de APH desse país ser mais desenvolvido. Mas, o enfermeiro vem ganhando espaço e autonomia no APH com o passar dos anos, o que favorece maior participação de suas atividades privativas e permitindo ampliação nos aspectos legais (Taveira et al., 2021).

Em relação às dificuldades no APH, a falta de legislação favorece a criação de vários sistemas de atendimento que não seguem um modelo único e nacional. Contudo, mudanças vêm ocorrendo ao longo dos anos em relação a atuação da enfermagem, melhorando os aspectos legais e aumentando a autonomia do enfermeiro. Assim, à medida que esse profissional adquire autonomia, também poderá oferecer serviços com maior qualidade devido à necessidade na aquisição de conhecimentos teórico, práticos e científicos constantes, devido ao nível de maior complexidade exigidos no APH (Taveira et al., 2021).

Mediante o que foi discutido, o enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência ainda enfrenta diversos desafios com relação a suas atividades nesse sistema de saúde, pois a falta de legislação efetiva leva a diminuição da autonomia dessa profissional no atendimento pré-hospitalar, visto que, configura-se uma carência no cuidado prestado, designado historicamente à essa categoria. Considerando o exposto, o enfermeiro que trabalha no APH móvel de urgência e emergência, possui atribuições condizentes com a legislação da sua profissão, capaz de atuar espontaneamente? Sendo assim, é notório que o enfermeiro é um importante integrante da equipe também no APH, uma vez que, sua prestação de cuidados auxilia na melhor estabilização do quadro clínico das vítimas atendidas por esse sistema.

Deste modo, este trabalho traz como justificativa que o enfermeiro no atendimento pré-hospitalar realiza diversas atividades como o acolhimento das vítimas, procedimentos de enfermagem, técnicas complexas na assistência às vítimas graves e no gerenciamento tanto da cena quanto da equipe de enfermagem. Além disso, o enfermeiro atuante nessa área enfrenta atendimentos complexos que necessitam de habilidade e tomada de decisão mais efetiva (Pereira et al., 2020). Tem como relevância social reforçar a importância do enfermeiro não somente na Atenção Básica (AB) e hospitalar, mas também no extra-hospitalar, ampliando as áreas de atuação e valorizando a categoria.

Além disso, permite sensibilizar o pensamento acadêmico, pois apesar da busca pela valorização do enfermeiro na área de APH, as universidades precisam ampliar a forma de ensino para essa área em conjunto com o aluno que necessita construir habilidades, raciocínio clínico, pensamento crítico, de liderança e gerenciamento. Assim, percebe-se a necessidade de reconhecer as atribuições do enfermeiro no APH móvel de urgência e emergência conforme a legislação, bem como suas fragilidades na rotina da assistência pré-hospitalar como forma de melhor implementar estratégias que auxiliem na prática do enfermeiro favorecendo uma atuação mais autônoma, fundamentada cientificamente e eficiente.

Diante do exposto, este trabalho tem como objetivo geral analisar a atuação do Enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência, e como objetivos específicos descrever as atribuições do enfermeiro como integrante da equipe do serviço de APH móvel de urgência e emergência, pontuar as dificuldades e desafios existentes no trabalho do enfermeiro no APH e discutir sobre a importância do enfermeiro no APH móvel.

## METODOLOGIA

---

O presente trabalho trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de natureza qualitativa, o qual permite reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um determinado tema. A revisão integrativa refere-se de um método de pesquisa que possibilita a integração de parâmetros na prática clínica, baseada no conhecimento científico. Esta metodologia se baseia nas seguintes etapas: escolha do tema e formulação de uma hipótese, busca nas bases de dados para estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos, categorização dos estudos que serão utilizados, avaliação dos estudos selecionados, interpretação dos estudos analisados na íntegra e por último, a apresentação da síntese/informações (De Souza et al., 2017). Assim, esse tipo de estudo norteia as práticas em saúde para prestar uma melhor assistência conforme evidências provenientes de estudos.

Para o levantamento bibliográfico, foram utilizadas as bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF), *Literatura Latino-americana* e *do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE). Os descritores de saúde utilizados para esse trabalho foram retirados do site <http://decs.bvs.br/> que são: “Socorro de urgência”, “Assistência pré-hospitalar”, “Enfermagem em emergência” utilizando o operador booleano “AND”. Como critérios de inclusão foram utilizados trabalhos acadêmicos científicos publicados entre os anos de 2017 a junho de 2022, em língua portuguesa, inglesa e espanhola e, textos disponibilizados na íntegra.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

Na verificação das publicações conforme o periódico, a “Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental” se destacou com 21% e a “Revista Enfermagem em Foco” com 15,7%. Quanto ao ano de publicação, 2019 e 2020 totalizam 52,6% das publicações. Em relação ao tipo de estudo avaliados, a maioria das evidências se aplica a abordagem qualitativa descritiva exploratória com índice de 31,5%. Já os estudos de abordagem quantitativas representa 21%, sendo que, as de revisão integrativa da literatura foram condizentes com apenas 10,5%. Referente ao local de pesquisa dos estudos, 14 artigos relataram a realidade de cidades do Brasil, enquanto 5 artigos discutiram sobre outros países, sendo eles: Estados Unidos, China, Portugal, Suécia e Holanda.

Em seu estudo, Malvestio et al. (2019), demonstraram que a atuação do enfermeiro agregada àquela fornecida pelo profissional médico, tem melhores resultados quando estes dois profissionais integram a assistência, do que somente o médico. Relacionado aos agravos agudos, a assistência de enfermagem está correlacionada com a redução do período de internamento, como também na redução dos custos tanto para pacientes quanto para o governo. No cenário de APH móvel o enfermeiro precisa adquirir maior conhecimento técnico-científico. Na Suécia foi atestado que a inserção do enfermeiro no APH provocou melhoria no atendimento desse serviço, relacionado a melhor abordagem de exame físico inicial, avaliação clínica e execução de procedimentos pelo enfermeiro no local da cena.

Na Holanda, os enfermeiros recebem treinamento contínuo atuando conforme protocolos de acordo com associações de enfermagem e médicas. Em Los Angeles nos Estados Unidos, o Corpo de Bombeiros é tripulado por um enfermeiro, um paramédico ou bombeiro para as solicitações de baixa complexidade, o que causou eficácia nos atendimentos e maior qualidade assistencial além de diminuir a sobrecarga do sistema de emergência, pois com o enfermeiro atuando, a abordagem as vítimas com quadros agudos ficaram mais completa e resolutiva. No Brasil, apesar do enfermeiro estar restrito ao SAV, o autor difere essa realidade, considerando que o enfermeiro poderá qualificar ainda mais o atendimento atuando também no SBV (Malvestio et al., 2019).

Moreira et al., (2022), destaca que o enfermeiro que trabalha nos serviços de emergência como o SAMU, possuem atribuições diversificadas, como ser líder na assistência em casos de

baixa, média e alta complexidade, pois sua formação acadêmica o permite atuar dessa forma. A estratégia de colocar o enfermeiro emergencista em atuação profissional vem sendo aplicado em diversos países desenvolvidos como Estados Unidos e China, pois com a atuação do enfermeiro no APH é possível diminuir a superlotação e o tempo da espera de atendimento mediante aplicação de protocolos, promovendo melhor qualidade da assistência.

Contudo, o autor aponta que a atuação do enfermeiro vem sendo prejudicado devido à baixa remuneração, estresse crônico, distúrbios do sono e trabalho exaustivo levando a desmotivação e baixa produtividade, podendo ocasionar erros no desenvolvimento das atividades como prescrições medicamentosas. Ainda, o autor descreve um estudo Norte-Americano na qual aponta dificuldades enfrentadas no atendimento extra-hospitalar referente a estradas em más condições, falta de sinalização, equipamentos, instrumentos e combustível, o que implica na atuação do enfermeiro e de toda a equipe na prestação de serviços pré-hospitalar resolutivos e de qualidade. Nessa perspectiva, o enfermeiro do pré-hospitalar, acaba atuando de forma precária tanto pela sua saúde física e mental como a impotência em liderar o serviço (Moreira et al, 2022).

Ribeiro (2020), expõe três atribuições específicas do enfermeiro no APH em Portugal: 1) o cuidado com a pessoa/família que vivencia o processo complexo das doenças; 2) a ação imediata a emergências; e 3) a potencialização de prevenção, interferência e manejo de infecções em situações de urgência e emergência, conforme complexidade do cenário. Além disso, o estudo aborda que o enfermeiro deve possuir competências técnicas e assistenciais, educativas, de gerenciamento, habilidades cognitivas e de relacionamento. Assim, o enfermeiro no pré-hospitalar atua no desenvolvimento de cuidados de enfermagem fundamentada por evidências científicas e investigação, mediante princípios éticos e legais, com visão holística e humanização perante a vítima e sua família, sendo um profissional essencial na assistência pré-hospitalar.

Na Suécia, em situações de atendimento pré-hospitalar, o enfermeiro atua na assistência realizando administração de medicamentos, restabelecimento hídrico, oxigenoterapia e demais procedimentos privativos. Um estudo realizado para saber como deve ser a avaliação e manejo da dor em pacientes com suspeita de fratura, sugere que o enfermeiro deve iniciar a administração de analgesia a pacientes com suspeita de fratura de quadril antes da imobilização da vítima na maca e no decorrer do transporte até o hospital referenciado. Essa atividade acrescenta ao enfermeiro maior responsabilidade na assistência prestada, pois ele deve entender de medicações e suas interações medicamentosas com mais rigorosidade. Ainda, o enfermeiro no contexto de APH tem como responsabilidade aplicar a Escala Numérica de Avaliação (NRS) para ponderar o grau de sofrimento de dor do paciente, transferindo humanização no atendimento (Wennberg et al, 2020).

Em seu estudo, Tavares et al., (2017), designa que o enfermeiro no APH atua na assistência direta ao paciente e na gestão do serviço mediante atividades administrativas e de coordenação. Nesse sentido as atividades desenvolvidas são direcionadas a produção de protocolos internos, ensino, pesquisa, liderança da equipe de enfermagem e outros profissionais, mediação de conflitos, gerência e assistência. Na gerência, o enfermeiro fica responsável pelo controle de estoque mediante previsão e provisão, gestão de pessoas, planejamento e organização do serviço. Para isso, requer do enfermeiro conhecimento técnico-científico. No âmbito assistencial, o enfermeiro atua em conjunto com a equipe multiprofissional em procedimentos de reanimação e estabilização do quadro clínico do paciente. Contudo, realizar essas intervenções necessita de profissionais incentivados pelos gestores e atualizados com cursos e treinamentos realísticos constantes, valorização da ergonomia entre os gestores, relação profissional com confiança e respeito, fatores estes, que contribuem para estabilidade emocional e satisfação profissional, corroborando com uma assistência de qualidade (Tavares et al., 2017).

O estudo de Hora et al., (2019), realizado em Salvador/BA, mostrou que as unidades acionadas para o atendimento foi predominantemente as unidades de suporte básico, que normalmente é a mais numerosa, fazendo o atendimento inicial. Contudo, a USA utiliza em pequena quantidade os recursos disponíveis, como oxigênio, intubação, drogas e acesso periférico. Isso pode acontecer por alguns motivos, como: baixo índice de pacientes graves que requer o uso desses recursos materiais e procedimentos invasivos; as vítimas com maior gravidade podem não estar sendo atendidas pela USA; ou a equipe de APH não está devidamente treinada para realizar os procedimentos invasivos. Assim, os chamados mais recorrentes, tinham como abordagem inicial a imobilização das vítimas e referenciamento a unidade conforme e regulação médica, minimizando assim a atuação do enfermeiro de USA, visto que, a USB composta pelo técnico de enfermagem e condutor tinha um índice maior de acionamento.

Frank et al (2021), corrobora com seu estudo abordando sobre a atuação do enfermeiro no atendimento de emergências no APH a traumas em idosos, quanto a educação em saúde ao idoso, sendo o enfermeiro, protagonista nas políticas de ações e de planejamento na prevenção das complicações resultantes dos traumas e redução das sequelas. Contudo, o artigo não traz sobre como o enfermeiro pode atuar frente a traumas em idosos. As taxas de óbitos e internações desse público devido a traumas vem se elevando nas capitais brasileiras de áreas centrais do país, com aumento de 200%, sendo necessário intervenção rápida de prevenção de doenças e programas direcionados a saúde do idoso.

Já Degani et al., (2019), complementa discutindo que o enfermeiro assume diversas atividades como o monitoramento dos sinais vitais, administração de oxigênio e medicamentos, a coleta de informações referente ao mecanismo do trauma, o controle de hemorragia, proteção da coluna cervical, avaliação do estado neurológico, avaliação da respiração e ventilação e, colocação de dispositivos intravenosos. Ainda, o autor retrata que o enfermeiro deve se preocupar mais com a técnica asséptica do que com o tempo que o procedimento deve ser feito. Dessa forma, deixa claro que o enfermeiro no APH possui diversas atividades, devendo ter conhecimento técnico-científico, atuando de forma a minimizar os agravos de saúde e maximizando a qualidade da assistência.

Para Da Silva et al., (2020), com relação a situações psiquiátricas no APH, o enfermeiro possui limitações no seu exercício profissional, ficando condicionado a observar a cena com a pessoa em crise psiquiátrica, atuando apenas no manejo verbal com o paciente, a contenção mecânica, a administração de medicamentos (contenção química) e aferição dos sinais vitais, quando possui indicação médica ou quando é possível realizar. Em outros casos, o paciente é referenciado e levado ao hospital psiquiátrico. Ainda, o enfermeiro se sente despreparado e inseguros quando solicitados para atender um surto psicótico, devido às situações inesperadas que esse tipo de atendimento pode trazer, como violência e agressividade por parte dos pacientes. O autor ainda aponta que o enfermeiro necessita de habilidades de comunicação adequada com o paciente em surto, buscando construir vínculo e confiança, podendo acalmá-lo, mediante uma abordagem humanizada, evitando a contenção física. Contudo, falta conhecimento teórico-prático e capacitações direcionados a saúde mental para o enfermeiro no APH.

Ainda com relação aos atendimentos psiquiátricos, De Oliveira et al., (2018), reforça em seu estudo realizado no SAMU de Mossoró no Rio Grande do Norte sobre as dificuldades que os enfermeiros enfrentam na sua atuação, principalmente relacionada a gestão (ausência de integração da rede assistencial) e ao atendimento de urgências e emergências psiquiátricas que necessitam de intervenções específicas. Nesse sentido, os enfermeiros criticam a falta de articulação da RUE e da inexistência do sistema de referência, além da falta de atuação do CAPS 24 horas. Contudo, é evidente que a equipe atuante no SAMU não tem capacitações efetivas para conhecimento em saúde mental, deixando a assistência sem efetividade. Portanto, o enfermeiro deve atuar mediante conhecimento técnico-científico sobre abordagem em saúde mental e

capacidade de pensamento crítico, agilidade e respeito com o paciente em surto psicótico, mas que apesar disso, faltam políticas públicas e articulação entre a Rede de Atenção às Urgências e Emergências.

Nesse sentido, Oliveira (2017), ratifica que os enfermeiros e profissionais da enfermagem atuantes no SAMU, necessitam de treinamento contínuo frente às urgências psiquiátricas, visto que, a assistência não deve ser baseada em contenções, mas também no acolhimento humanizado e práticas específicas. Para isso, os demais serviços articulados na RUE, devem atuar de forma integralizada, onde a responsabilidade de atendimento não deve ficar apenas para o SAMU, pois as ações preventivas de crises psicóticas são as melhores escolhas para evitar acionamentos e lotação dos hospitais. Ademais, é necessário criar protocolos que irão direcionar os profissionais a atuarem de forma segura e coesa com a realidade.

Outro tipo de atendimento prestado no APH são as ocorrências obstétricas. Conforme Silva et al. (2018), as gestantes podem sofrer com alguns tipos de intercorrências como sangramentos, abortos, aumento dos níveis pressóricos e hipoglicemia, além de fatores que podem colocar ela e a criança em situação de risco como idade avançada, histórico de partos cesarianos e doenças crônicas. Assim, o estudo sinalizou que os atendimentos prestados pelo SAMU às gestantes em sua maioria estão relacionados a sinais de trabalho de parto com perda líquido amniótico, perda do tampão mucoso, sangramento vaginal, queixas de contração uterina e dores abdominais em baixo ventre. Dessa forma, a equipe necessita de agilidade no transporte e atendimento de qualidade, necessitando do enfermeiro conhecimento sobre saúde da mulher, identificando sinais e sintomas de trabalho de parto e conhecimento sobre obstetrícia.

Conforme Pizollato et al., (2018), seu estudo realizado na USA do SAMU de Curitiba/PR demonstrou que o enfermeiro deve atuar de acordo com protocolos internacionais, ter tomada de decisão organizada conforme avaliação de sinais e sintomas manifestados pelo paciente, pautado no raciocínio lógico. Também, para a facilitação do trabalho do enfermeiro, Nicolau et al., (2019), em seu estudo realizado em Recife-PE sobre a aplicabilidade da SAE pelos enfermeiros da USA, mostrou que esses profissionais consideram a SAE como instrumento facilitador da assistência. Contudo, mais da metade dos profissionais não conhecem na íntegra a Resolução COFEN nº 358/2009, o qual trata dessa temática (SAE), havendo uma divergência entre a teoria e a prática.

Essa Resolução aborda que o enfermeiro deve atuar nos serviços de saúde aplicando a SAE, inclusive no serviço pré-hospitalar como o SAMU. Neste estudo, dentre as cinco fases do Processo de Enfermagem (PE), a “implementação” e a “coleta de dados” foram as menos realizadas pelo enfermeiro, sendo a “avaliação” como a principal fase aplicada. Nesse sentido, foi evidenciado que os enfermeiros desconhecem a forma correta em realizar as demais fases do PE, isto é, falta conhecimento teórico para a atuação do enfermeiro na aplicabilidade da SAE. Também foi discutido sobre os motivos que levam o enfermeiro a não realizar a SAE, como ambientes insalubres colocando em risco a equipe e a falta de tempo dificultando a realização das etapas (Pizollato et al., 2018).

Ainda, o autor corrobora com os demais estudos no sentido de que, o enfermeiro atua no APH no gerenciamento como também na assistência direta à vítima. Dessa forma, a atuação do enfermeiro fica prejudicada quando a SAE não é realizada, pois esse instrumento orienta a conduta do profissional, aumentando sua autonomia e promovendo segurança e melhor resolutividade para o contexto clínico do paciente (Pizollato et al., 2018). Nesse contexto, Dos Santos Junior (2020), corrobora trazendo a SAE como ferramenta importante e que deve ser aplicada também no atendimento pré-hospitalar, pois ela permite organizar a assistência no cuidado às vítimas, na comunicação entre a equipe e na minimização de erros assistenciais. Assim, o enfermeiro deve atuar realizando suas funções vigentes, com sequência lógica e de forma organizada.

Araújo et al., (2018), discute sobre os profissionais de enfermagem trabalhadores no SAMU no noroeste do estado do Ceará, atuando geralmente em setores críticos com jornada de trabalho extensa refletindo em estresse, desgaste físico/emocional, ansiedade e, em casos mais graves, a depressão. Dessa forma, esses agravantes refletem nas relações interpessoais, impactando na qualidade de vida e conseqüentemente, na assistência prestada. Ainda, foi mostrado que o trabalho dos profissionais em plantão de 12 horas principalmente noturno, afetam a qualidade de vida e as atividades cotidianas dos profissionais de enfermagem. Dessa forma, o artigo faz uma crítica referente a falta de avaliação contínua dos gestores e órgãos da saúde sobre os trabalhadores do SAMU, relacionado ao seu desempenho e qualidade de vida laboral, devendo averiguar a carga horária excessiva, além do que é permitido pelo COFEN, para elaboração de planejamentos a fim de sanar ou amenizar esse problema.

Para Dos Santos et al., (2020), conforme seu estudo realizado em Sobral- CE, indica que o enfermeiro de APH deve atuar com visão holística, não se limitando à atuação assistencial. Assim, o enfermeiro atua como orientador mediante participação na revisão de protocolos, na elaboração e organização de conteúdos educativos e como profissional da equipe multidisciplinar de acidentes e desastres. Nos acidentes de trânsito, os acometimentos mais frequentes são fraturas ósseas, trauma cerebral e lesões abdominais. Ainda, os enfermeiros em seus atendimentos buscam inicialmente estabilizar as necessidades básicas indispensáveis à vida, incluindo a imobilização correta e a identificação dos determinantes causais que propiciam a instabilidade biológica.

Tal ação busca minimizar as sequelas, aumentando a sobrevida da vítima até a chegada ao hospital. Dessa forma, o enfermeiro faz a imobilização utilizando prancha rígida, colar cervical e cintos, os acessos venosos para reposição volêmica e administração medicamentosa, oferta de oxigênio, realização de curativos e manobras de reanimação cardiorrespiratória. Para garantir uma boa assistência, o enfermeiro aplica o protocolo ABCDE criado pelo PHTLS, o qual orienta a avaliação prestada ao paciente politraumatizado, facilitando assim a segurança do cuidado prestado com a melhor abordagem possível (Dos Santos et al., 2020).

Com relação a humanização no atendimento pré-hospitalar, Sousa et al., (2019), mostra em seu estudo a importância do enfermeiro na aplicação da Política Nacional de Humanização (PNH) nas situações de urgência e emergência pré-hospitalar e hospitalar. Contudo, também é discutido que a atuação do enfermeiro propondo a humanização frente às urgências ainda é limitado, devido ao acúmulo de atividades. Apesar disso, o enfermeiro facilita o cuidado humanizado ao paciente, exercendo papel gerencial e assistencial, melhorando a qualidade da assistência. Portanto, a humanização nesse serviço deve ser extensamente discutida durante a formação profissional do enfermeiro.

## CONCLUSÃO

---

Observou-se que o enfermeiro inserido no APH móvel executa diversas atividades que, por esse motivo, é importante conhecer a atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência, amplificando e valorizando esta categoria. Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral analisar a atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel de urgência e emergência. Assim, constata-se que o objetivo geral foi atendido, demonstrando a identificação de algumas condutas que o enfermeiro pode realizar no APH móvel.

Também, obteve êxito quanto aos objetivos específicos, sendo capaz de descrever as atribuições do enfermeiro como integrante da equipe do serviço de APH móvel de urgência e emergência, pontuar as dificuldades e desafios existentes no trabalho do enfermeiro no APH, bem como discutir sobre a importância do enfermeiro no APH móvel de urgência. Com relação às atribuições do enfermeiro, foi possível perceber que sua atuação está voltada à assistência, gerenciamento, liderança, educação e humanização.

Contudo, a atuação do enfermeiro no APH ainda se encontra de forma fragmentada, desenvolvendo pouca autonomia, pois cada região brasileira, bem como outros países possuem implicações na prática do enfermeiro, sugerindo ampliação e planejamento dessa área conforme as necessidades de cada equipe e população. Ainda, este profissional necessita de conhecimentos técnicos-científicos e treinamentos constantes e atualizados, a fim de ofertar uma melhor assistência.

Com relação às dificuldades e desafios constatou-se a presença de muitos obstáculos enfrentados pelos enfermeiros no APH móvel, podendo indicar possível desinteresse por parte dos gestores de saúde, refletindo em exposição do profissional a ergonomia desfavoráveis, baixos salários, carga horária exaustiva e estresse, influenciando na saúde física e mental. Também foi evidenciado a necessidade de educação permanente com capacitações teórico-prático realístico aos enfermeiros do SAMU, com ênfase em saúde mental referente à abordagem em pacientes em crise psicótica.

No que diz respeito a importância do enfermeiro no APH móvel, este profissional ao compor a equipe de APH, deve buscar garantir uma assistência sistematizada, pautada na humanização e conhecimento científico, contribuindo na sobrevivência e recuperação do paciente atendido. Dessa forma, é notório a primordialidade em aumentar as discussões referente a atuação do enfermeiro nos serviços de APH, sendo que, este trabalho contribuiu no desenvolvimento desse assunto, promovendo aos profissionais mudança em sua postura crítica sobre suas atividades, reorganizando e estruturando os serviços com efetividade, ampliando também às compreensões das demais categorias (técnicos de enfermagem, médicos e socorristas).

Contudo, apesar da comunidade científica possuir uma acentuada quantidade de estudos, faltam trabalhos específicos sobre essa temática, pontuando de forma peculiar as atividades inerentes à atuação do enfermeiro, sendo esta, uma razão para limitação desse estudo. Neste caso, recomenda-se a continuação deste tema para pesquisas futuras, no intuito de melhor abordagem e compreensão das atividades que podem ser realizadas pelos enfermeiros, perante a legislação, ampliando e melhorando a assistência bem como o sistema de atendimento às urgências e emergências móveis no país, especificamente o SAMU.

**AGRADECIMENTOS:** Não aplicável.

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** Santos, M. C.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Santos, A. E. A.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Costa, D. M.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Carregosa, F. J. S.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. De Carvalho, F. L. O.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Rezende, A. A.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

## REFERÊNCIAS

Araújo, Fd.P.; Brito, O.D.; Lima, M.M.S.; Neto, N.M.G.; Caetano, L.A.; Barros, L.M. (2018). Avaliação da qualidade de vida dos profissionais de enfermagem do atendimento pré-hospitalar. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 16, n. 3, p. 312-317. <https://cdn.publisher.gn1.link/rbmt.org.br/pdf/v16n3a08.pdf>

Da Silva, S.D.V.; Oliveira, A.M.N.; Medeiros, S.P.; Salgado, R.G.F.; Lourenção, L.G. (2020). Concepções dos enfermeiros frente à utilização de protocolos de urgência psiquiátrica no atendimento pré-hospitalar. Rio de Janeiro: *Revista Enfermagem UERJ*, v. 28, p. 50191. <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/09/1119613/concepcoes-dos-enfermeiros-pt.pdf>

De Oliveira, L.C.; Silva, R.A.R.; Carvalho, F.P.B.; Soares, F.R.R.; Sousa, K.M.N.; Solano, L.C. (2018). Dificuldades no atendimento às urgências e emergências psiquiátricas no serviço de atendimento móvel de urgência.

Enfermagem em Foco, v. 9, n. 4. <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1317>

De Sousa, L. M. M. et al. (2017). A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. Revista investigação em enfermagem, v. 21, n. 2, p. 17-26.

<http://www.sinaisvitais.pt/images/stories/Rie/RIE21.pdf#page=17>

Degani, G.C.; Mendes, K.D.S.; Storti, L.B.; Marques, S. (2019). Atendimento pré-hospitalar móvel avançado de enfermagem para idosos pós-trauma: revisão integrativa. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 72, p. 274-283.

<https://www.scielo.br/j/reben/a/NFTpfKVwYf9jG4nCm4Hjqmq/abstract/?lang=pt>

Dos Santos, J E.; Costa, J.B.C.; Arcanjo, H.S.; Pinto, J.R. (2020). Accidents With Motorcycles: A View Of Nurses Of The Urgent Mobile Care Services. Revista de Pesquisa: Cuidado e Fundamental, v. 12, n. 1.

<https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v12.8324>

Franck, D.B.P.; Costa, Y.C.N.; Alves, K.R.; Moreira, T.R.; Sanhudo, N.F.; Almeida, G.B.S.; Puschel, V.A.A.; Carbogim, F.C. (2021). Trauma em idosos socorridos pelo serviço de atendimento móvel de urgência. Acta Paulista de Enfermagem, v. 34.

<https://www.scielo.br/j/ape/a/4PW5q844qzzTN8knFMzNcBC/abstract/?lang=pt>

Hora, R.S.; Paiva, E.F.; Sampaio, E.S.; Oliveira, J.A.; Souza, V.R.D.; Brandão, P.C. (2019). Caracterização do atendimento do serviço de atendimento móvel de urgência (Samu) às emergências clínicas. Revista Mineira de Enfermagem, v. 23, p. 1-9.

<http://reme.org.br/artigo/detalhes/1402>

Ibiapino, M.K.; Couto, V.B.M.; Sampaio, B.P.; Souza, R.A.R.; Padoin, F.A.; Salomão, I.S. (2017). Serviço de atendimento móvel de urgência: epidemiologia do trauma no atendimento pré-hospitalar. Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, v. 19, n. 2, p. 72-75.

<https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/30805/pdf>

MALVESTIO, M. A. A. et al. (2019). Enfermagem em práticas avançadas no atendimento pré-hospitalar: oportunidade de ampliação do acesso no Brasil. Enfermagem em Foco, v. 10, n. 6.

<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2594>

Moreira, W.C.; Lira, L.R.; Lira, L.R.; Abreu, M.A.M.; Junior, C.W.M.R.; Sousa, I.C. (2022). Entraves e desafios na atuação do enfermeiro nos serviços de urgência e emergência. Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), v.14, p. e10962.

<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1361667>

Moura, A.; De Carvalho, J. P.G.; De Barros, M.A.S. (2018). Urgência e emergência: conceitos e atualidades. Saúde & Conhecimento-Jornal de Medicina Univag, v. 1, p. 18.

<http://periodicos.univag.com.br/index.php/jornaldemedicina/article/viewFile/744/918>

Nicolau, S.; Montarroyos, J.S.; Miranda, A.F.; Silva, W.P.; Santana, R.C.F. (2019). The Implementation of Nursing Care Systematization in the Mobile Emergency Care Service/Implementação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental. (Online), v. 11, n. 2, p. 417-424.

[http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/6358/pdf\\_1](http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/6358/pdf_1)

Oliveira, L.C.; Da Silva, R.A.R. (2017). Saberes e práticas em urgências e emergências psiquiátricas [Knowledge and practices in urgent and emergency psychiatric care][Saberes y prácticas en urgencias y emergencias psiquiátricas]. Revista Enfermagem UERJ, v. 25, p. 10726.

<http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2017.10726>

Silva, A.A.; Menechini, B.R.; Nunes, C.R.; Andrade, C.C.F. (2017). Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar em parada cardiorrespiratória. Múltiplos Acessos, v. 2, n. 1.

<http://www.multiplosacessos.com/multaccess/index.php/multaccess/article/view/18/18>

Silva, J.G.; Chavaglia, S.R.R.; Ruiz, M.T.; Cunha, M.C.B.; Nascimento, K.G.; Amaral, E.M.S. (2018). Ocorrências obstétricas atendidas pelo serviço de atendimento móvel de urgência. Revista de Enfermagem UFPE On Line, p. 3158-3164.

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/237918/30739>

Sousa, K.H.J.F.; Damasceno, C.K.C.S.; Almeida, C.A.P.L.; Magalhães, J.M.; Ferreira, M.A. (2019). Humanização nos serviços de urgência e emergência: contribuições para o cuidado de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 40. <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/PX7vJwFyrRTsVm3jgMk8rRN/abstract/?lang=pt>

Pereira, L.C.; Rosa, P.H.; Zamberlan, C.; Machado, K.F.C.; Ilha, S. (2020). Atuação do enfermeiro no serviço de atendimento pré-hospitalar: potencialidades, fragilidades e perspectivas. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 4, p. e119942926. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2926/2173>

Pizzolato, A.C.; Sarquis, L.M.M.; Silva, M.J.P.; Mantovani, M.F. (2018). Indicadores empíricos das necessidades humanas afetadas no atendimento pré-hospitalar móvel: pesquisa metodológica. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 17, n. 1, p. 18-28. <https://repositorio.usp.br/bitstream/958e162f-82f4-4b0d-8416-ad8df5005a7f/SILVA,%20M%20J%20P%20da%20doc%20194e...>

Tavares, T.Y.; Santana, J.C.B.; Eloy, M.D.; Oliveira, R.D.; Paula, R.F. (2017). O cotidiano dos enfermeiros que atuam no serviço de atendimento móvel de urgência. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 7, e1466. <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/1466/1577>

Taveira, R.P.C.; Silva, J.L.L.; Souza, R.D.; Rego, V.T.S.M.; Lima, V.F.; Soares, R.S. (2021). Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar de emergência. *Global Academic Nursing Journal*, v. 2, n. 3, p.156. <https://doi.org/10.5935/2675-5602.20200156>

Wennberg, Pär et al. (2020). Evaluation of the intensity and management of pain before arrival in hospital among patients with suspected hip fractures. *International Emergency Nursing*, v. 49, p. 100825. <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S1755599X19301168?token=5CB14EDDDF6481108AB34BE3D6AC0B0EA92E503367099200137D828A9645469D13A276EDF523C2F601A56D7F64A3EE07&originRegion=us-east-1&originCreation=20220715003916>

**Recebido:** 15 de agosto de 2022 | **Aceito:** 22 de novembro de 2022 | **Publicado:** 28 de dezembro de 2022



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.